

Em torno da tradução brasileira dos *Grundrisse*

CLAUS M. GERMER*

PEDRO LEÃO DA COSTA NETO**

A publicação, pela primeira vez no Brasil, de uma das obras mais importantes de Marx, como são os *Grundrisse*, deve ser comemorada como um marcante acontecimento na história do marxismo no nosso país. É merecedora de todo aplauso a Boitempo Editorial por mais esse título na sua já imponente Coleção Marx-Engels, no presente caso em coedição com a Editora UFRJ. Aplausos merecem também os tradutores, professores Mario Duayer e Nélio Schneider. Registre-se que os *Grundrisse* são finalmente publicados no Brasil, com atraso de 58 anos em relação à sua primeira edição expressiva, pela Dietz Verlag, de Berlim, em 1953 (após a limitadíssima edição original, em 1939-1941), e quarenta anos após a primeira tradução em espanhol. O atraso na publicação de *O capital*, porém, foi mais grave, pois a sua primeira edição integral no Brasil teve que aguardar as comemorações do primeiro centenário do lançamento do seu primeiro volume, em 1967, quando começou a ser publicada pela Civilização Brasileira. O mesmo se poderia dizer em relação a outras obras de Marx, e também de Engels, o que certamente diz muito sobre as vicissitudes da difusão da teoria marxista e da evolução política do proletariado brasileiro, assim como sobre as características históricas da luta pelo socialismo no Brasil.

Os *Grundrisse*, embora tardiamente dados a público, constituem a primeira obra econômica de grande envergadura de Marx, ou o primeiro delineamento do

* Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Econômico da UFPR.

** Professor do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas: Cultura e Sociedade e do curso de História da UTP.

que viria a ser o *O capital*, sua obra máxima. Como o próprio título diz, a obra de Marx expõe *elementos fundamentais* da sua teoria. Com efeito, notam-se nela partes da própria arquitetura teórica de *O capital* e da sequência de exposição. O texto começa com o capítulo do dinheiro, em que se fundamenta e desenvolve – em detalhe e profundidade – a teoria do valor baseada no trabalho e sua necessária expressão em uma mercadoria especial que desempenha a função de equivalente geral de valor, o dinheiro, e se expõem, ainda, as funções desse último. O capítulo do capital compreende as análises dos processos de produção e de circulação do capital. Na abertura, Marx analisa e fundamenta extensamente a transformação do dinheiro em capital e suas implicações, e passa a analisar os processos de trabalho e de valorização. Nesse ponto Marx desenvolve o conceito de mais-valia e de suas duas formas, absoluta e relativa. Na segunda parte abordam-se temas centrais que comporão o livro II de *O capital*: o processo de circulação do capital e a definição dos capitais fixo e circulante e seus processos de circulação e reprodução. Finalmente, elementos do livro III de *O capital* aparecem na primeira abordagem da divisão da mais-valia, examinando a figura do juro.

Além desse eixo central, os *Grundrisse* contêm seções de grande significação como elementos da visão teórica geral de Marx. A “Introdução” e sua seção 3, “O método da economia política”, que precedem o manuscrito principal, expõem elementos da concepção materialista da sociedade e do processo de abstração. No texto principal – como já foi notado por Nicolaus –, Marx lança os olhos tanto para o passado remoto (na já célebre seção sobre as “Formas que precederam a produção capitalista”) quanto para o futuro da humanidade enfim liberta da exploração e da alienação – o comunismo. Repercussão especial tiveram também os fragmentos referentes ao papel da maquinaria e da ciência no desenvolvimento da sociedade a partir do capitalismo.

Redação

Os *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie* foram elaborados entre outubro de 1857 e maio de 1858 e representam o primeiro grande resultado sistemático dos estudos de Marx sobre economia política, iniciados em 1844 e retomados em seu exílio londrino, após a derrota da Revolução de 1848 e o seu distanciamento da Liga dos Comunistas em 1850. Instalado em Londres desde 1849, Marx obtém, no outono de 1850, a autorização para frequentar a biblioteca do British Museum, passando então a dedicar-se ao seu projeto de crítica da economia política. Marx realiza, nos anos 1850-1853, um conjunto de leituras dos economistas que preencheram mais de vinte cadernos de anotações e que originaram, igualmente, diferentes manuscritos.¹ Entretanto, diferentes obstácu-

¹ Para uma descrição do conteúdo desses cadernos de leitura, ver Rubel (1974). Duayer, igualmente, em sua apresentação, nos oferece uma referência desses cadernos e do seu estado atual de publicação na Seção IV da MEGA (p.15-16).

los de natureza teórica e dificuldades pessoais levaram à interrupção temporária desses trabalhos.² A redação dos *Grundrisse*, como já foi observado por diferentes comentadores da obra de Marx (Vygodskij, 1974; Bologna, 1974; Krätke, 2007), está estreitamente associada à crise econômica mundial dos anos 1856-1858 e a expectativa que Marx e Engels depositavam em seu desenlace revolucionário, como pode ser constatado através da leitura da correspondência de ambos; pelos artigos de Marx, dos anos 1856-1858, dedicados à crise e publicados no *New York Daily Tribune* (NYDT), assim como por uma série de escritos do mesmo período. Nesse sentido, são particularmente esclarecedoras duas diferentes passagens da correspondência de Marx. Em uma carta a Engels de 8 de dezembro de 1857, observa: “Eu trabalho como um louco por noites inteiras para coordenar meus trabalhos de economia, para antes do *déluge*, clarificar ao menos os elementos fundamentais” (Marx; Engels, s.d.). Dias depois (21 de dezembro), Marx escreveu a Lassale: “A crise comercial atual levou-me a me dedicar seriamente à redação dos meus elementos fundamentais (*Grundrisse*) da economia política, ao mesmo tempo que preparo alguma coisa sobre a crise presente” (Marx; Engels, s.d.). Aliás, como é sabido, o título dado aos manuscritos de Marx foi justamente baseado nessa passagem. Ao lado do aspecto conjuntural, é importante igualmente fazer referência a outras questões que confluíram para a redação desses manuscritos: o primeiro, a presença de inúmeras críticas à obra de Proudhon – que, como sabemos, já havia sido alvo de críticas em *Miséria da filosofia* –, adversário político de Marx no movimento socialista; em segundo, a leitura “*by mere accident*”, como o próprio Marx observa em carta a Engels de 16 de janeiro de 1858, da *Ciência da Lógica* de Hegel (Marx; Engels, 2011). Por fim, o terceiro aspecto é o conjunto de leituras realizadas por Marx sobre as sociedades pré-capitalistas, e que se materializaram em uma série de artigos para o NYDT.

Publicação e recepção da obra³

As condições adversas da primeira edição⁴ dos *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie (Rohentwurf)*,⁵ em 1939-1941, e a sua reedição em 1953, não deram origem, em um primeiro momento, a uma verdadeira recepção da

2 Marx (2008, p.47-48) em seu prefácio a *Contribuição à crítica da economia política*, nos oferece um importante testemunho sobre seus estudos de Economia Política, realizados em Londres ao longo da década de 1850. É importante destacar o intenso trabalho jornalístico realizado por Marx, uma de suas poucas fontes de rendimento, para os jornais *New York Daily Tribune* e *Neue Oder Zeitung*, nos quais aborda um conjunto de questões, entre as quais questões econômicas e da política colonial (Bologna, 1974; Krätke, 2007).

3 Para uma análise detalhada da “difusão e recepção” dos *Grundrisse*, ver o artigo de Marcello Musto (2009, p.99-108), publicado no número 28 de *Crítica Marxista*.

4 Para maiores informações sobre a preparação e edição dos *Grundrisse*, ver o artigo de Rolf Hecker (2010, p.51-59) que foi por vários anos editor da MEGA.

5 Deve-se lembrar que as edições anteriores à MEGA traziam em seu título a expressão *Rohentwurf* [esboços].

obra.⁶ É importante destacar, entretanto, que alguns fragmentos dos *Grundrisse* foram editados independentemente e encontraram grande difusão: referimo-nos aqui à “Introdução de 1857” (publicada pela primeira vez por Karl Kautsky em 1903), “Formas que precederam a produção capitalista” (*Formen*, que alcançou uma grande difusão após a publicação de uma tradução inglesa, com introdução de Eric Hobsbawm) e o “Fragmento sobre as máquinas”.

Ao longo dos anos 1960, aparecem os primeiros estudos sobre os *Grundrisse*. Na União Soviética é publicado em 1965 o estudo pioneiro de Vitalij S. Vygodskij, sob o título *A história de uma grande descoberta: sobre a gênese da obra ‘O capital’ de Karl Marx*, e em 1968 são publicados o livro de Walter Tuchscheerer, *Antes do ‘Capital’: a formação do pensamento econômico de Marx (1843-1858)*, em Berlim Oriental, e a conhecida obra de Roman Rosdolsky, *Gênese e estrutura do Capital de Marx*, em Frankfurt, enquanto nos EUA é publicado por Martin Nicolaus, então futuro tradutor dos *Grundrisse* para o inglês, o artigo que encontrou grande difusão, “Um Marx desconhecido”. Uma atenção particular ao manuscrito foi igualmente dada por um grupo de investigadores influenciados pelas concepções de Adorno e da Teoria Crítica da Sociedade, entre os quais os trabalhos de Hans Jürgen Krahl (1973) e de Helmut Reichelt com o seu livro *A estrutura lógica do conceito de capital em Marx*, publicado em 1970 em Frankfurt. Entretanto, essa situação se modificaria radicalmente após os acontecimentos políticos do ano de 1968 e em estreita relação com a conjuntura teórica sucessiva; desde então os *Grundrisse* iniciariam “uma verdadeira carreira mundial”, dando origem, inclusive, a um conjunto de leituras as mais desencontradas.⁷ Como exemplo, poderíamos enumerar algumas leituras que se tornaram verdadeiramente paradigmáticas. Por um lado, o juízo mais radical e unilateral do marxista espanhol Manuel Sacristán: “Os *Grundrisse* são [...] – por culpa de Hegel – o pior texto de Marx” (Sacristán, 2004, p.83-84), passando pelo silêncio de Louis Althusser e sua escola (que pouca atenção deram à sua leitura),⁸ até as leituras que transformam os *Grundrisse* no escrito mais importante de Marx, cujo exemplo clássico é o famoso livro de An-

6 Inúmeros autores, tanto da Europa oriental (entre outros, Kosik, 1969; Tuchscheerer, 1980), como ocidental (entre outros, Nicolaus, 1980; Rosdolsky, 2001) chamaram a atenção, ao longo dos anos 1950-1960, que a publicação dos manuscritos de Marx, apesar da sua grande relevância, não despertaram o interesse dos comentadores.

7 Um indicativo deste estado de coisas é, por exemplo, a data das diferentes traduções dos *Grundrisse* (Musto, 2009, p.108). Por outro lado, extremamente revelador dos determinantes políticos da ampla difusão encontrada por esta obra é o importante e decisivo artigo de Aurélio Macchioro, “La questione del soggettivismo e dell’ uso dei *Grundrisse* in Italia”, no qual o autor sublinha um conjunto de questões relevantes para compreender a sua recepção, entre as quais podemos destacar: a relação entre os “esboços de uma obra inédita” e a obra definitiva publicada pelo autor, os usos instrumentais dos *Grundrisse* no debate político (as leituras *operaista* de Antonio Negri e fenomenológica de Pier Aldo Rovatti) e a relação estreita entre a difusão do fragmento “Formas que precederam a produção capitalista” e as lutas de descolonização no Terceiro Mundo e os debates etnográficos (Macchioro, 1991, p.129-157).

8 No entanto, uma análise dos *Grundrisse* partindo das concepções de Althusser foi realizada nos anos 1980 por Jacques Bidet (1985).

tonio Negri, *Marx oltre Marx*, no qual os *Grundrisse* se transformam em chave anti-*O capital*, partindo, porém, de uma perspectiva anti-hegeliana (Negri, 1979, p.17-19). Por sua vez, essas interpretações que, arbitrariamente, privilegiam os *Grundrisse* como a obra mais importante de Marx, e julgam todo seu esforço teórico sucessivo como um regresso, foram alvo de uma fina ironia da parte de Fritz Wolfgang Haug (2005, p.293).

Entretanto, acreditamos que em grande parte essas posições extremas se encontram cada dia mais isoladas, na medida em que avança a edição da *MEGA*, em particular da sua Seção II, dedicada à publicação de “O Capital e seus trabalhos preparatórios”, assim como da Seção IV, “Extratos, notas e marginalia”, que entre outros materiais editará as notas de leitura de Marx dos anos 1850.⁹

Observações sobre a tradução

O destaque dos méritos dessa primeira edição brasileira dos *Grundrisse* não deve impedir que se procure avaliar diferentes aspectos associados à apresentação e editoração da obra, assim como distintas opções de tradução. As observações referentes a tais aspectos em nada diminuem os inegáveis méritos da proeza editorial que a presente obra representa.

Apresentação e editoração da obra

O título e o índice da edição brasileira merecem alguns comentários. Quanto ao primeiro, há certo consenso de que *Grundrisse* traduz-se mais corretamente, em espanhol e em português, por *elementos fundamentais*, que expressa com boa aproximação o termo alemão. A presente edição brasileira faz certa confusão com tal título. Na página de rosto (Marx, 2011, p.3) grafaram-se *esboços* (que, como vimos, corresponde a *Rohentwurf*) ao invés de *elementos fundamentais*. A escolha de *esboços* como tradução de *Grundrisse* não parece a mais adequada, uma vez que se refere à forma do texto, enquanto *elementos fundamentais* remete ao seu conteúdo, que é o mais relevante. Embora na forma de esboço, são *esboços* dos *elementos fundamentais da crítica da economia política*. Por sua vez, no índice e na página de abertura dos manuscritos (Marx, 2011, p.65), dá-se o título correto de *Elementos fundamentais* à parte principal do texto, que corresponde aos manuscritos mencionados por Marx como *Grundrisse*. A “Nota da edição” e a “Apresentação” do tradutor, no entanto, referem-se ao mesmo texto com o título de *esboço* (Marx, 2011, p.7-8, 16).

No que diz respeito ao índice, os editores optaram por resumir ainda mais o já resumido índice da edição da *MEGA*. Nesse aspecto foram na direção contrária, por exemplo, das edições espanholas da Siglo XXI e da Alberto Corazon Editor, da

⁹ Particularmente ilustrativo, sobre os debates em torno do projeto de crítica da economia política desenvolvidos nas Alemanhas Ocidental e Oriental e do significado da *MEGA* para os novos estudos da obra de Marx, é o trabalho de Roberto Fineschi (2008), *Un nuovo Marx: filologia e interpretazione dopo la nuova edizione storico-critica (MEGA 2)*.

inglesa da Penguin, da italiana da Nuova Italia (traduções realizadas a partir da edição da Dietz Verlag de 1953) e Riuniti (que foram realizadas a partir da *MEGA*), assim como da francesa da Éditions Sociales. Esses índices facilitam o acesso dos leitores aos diferentes conteúdos. A edição da *MEGA* (Marx, 1976; 1981) ameniza um pouco o problema da exiguidade do índice ao inserir, no cabeçalho (exemplo seguido pela tradução francesa), os títulos das sucessivas seções, exemplo que a edição brasileira, no entanto, não seguiu. O resumido índice da presente edição dificulta a localização das seções mais famosas da obra, tais como as referentes ao método, às formas pré-capitalistas, à circulação do dinheiro e do capital, à maquinaria, entre outras. Portanto, para benefício dos leitores, um maior detalhamento teria sido aconselhável.

Quanto à apresentação do texto, é louvável a indicação, à margem, dos números das correspondentes páginas iniciais dos manuscritos de Marx e da edição da *MEGA*, tornando mais fácil, nesse último caso, o cotejamento com a edição no idioma original. Também se deve louvar a inserção das notas de rodapé da edição original, que contêm esclarecimentos e informações úteis ao leitor.

Uma opção à qual se pode fazer objeção refere-se à inserção de palavras inexistentes no manuscrito original.¹⁰ Há grande número de inserções desse tipo, assinaladas por colchetes. Em diversos casos não se trata, na realidade, de inserções, mas de palavras impostas pela forma da construção das frases em português, de modo que os colchetes seriam desnecessários. Excluindo tais casos, é discutível a conveniência de inserir palavras ausentes no original. Há diversos motivos para se encarar com reservas essa opção. O primeiro é que não se fez distinção entre as inserções da edição da *MEGA* e as da brasileira. A distinção seria indispensável porque os motivos de ambas são diferentes. Segundo o esclarecimento da edição alemã, tratou-se naquele caso de destacar os locais em que havia palavras parcialmente ilegíveis ou apagadas, nos manuscritos, inserindo a palavra faltante entre colchetes quando não houvesse dúvida quanto à mesma (Marx, 1976, p.26*; asterisco no original). Havendo dúvida, as lacunas foram preenchidas por três pontos entre colchetes. O editor brasileiro, ao contrário, optou por inserir as palavras que faltavam no próprio manuscrito, e ao mesmo tempo deixou de assinalar palavras inseridas pelo editor da *MEGA* (por exemplo, as páginas 112, 173, 179 e 185 da presente tradução). A decisão do editor brasileiro é dificilmente justificável, uma vez que o manuscrito deveria ser publicado tal como foi encontrado – como fez o editor da *MEGA* –, cabendo aos leitores e estudiosos a interpretação de passagens eventualmente pouco claras. De qualquer ângulo que se analise a questão, a inserção pelo editor brasileiro é desnecessária

10 Os comentários a seguir basearam-se no exame das inserções assinaladas por colchetes e nos demais casos encontrados na avaliação da tradução. Tal análise consistiu na comparação com o original, com base em uma amostra composta de trechos de dez a quinze linhas, a cada vinte páginas, da 46 até a 753.

ou indevida: desnecessária quando o sentido da frase é claro (o que, felizmente, é a maioria dos casos); e indevida, quando o sentido não é inequívoco, pois nesse caso expressa uma interpretação pessoal do tradutor/editor, uma vez que não se pode saber o que Marx pretendia dizer.

Pode-se ilustrar as inserções indevidas com alguns poucos exemplos. Na página 63 lê-se: “A mitologia egípcia jamais poderia ser o solo ou o seio materno da arte grega. Mas, de todo modo, [pressupõe] *uma* mitologia”.¹¹ Na página 144: “O seu próprio entrechoque produz um poder social que lhes é *estranho*, que está acima deles; sua própria interação [aparece] como processo e poder independente deles”.¹² Em ambos os casos é impossível assegurar que as inserções correspondem ao sentido que o autor pretendia dar às respectivas frases.

De qualquer modo, a regra estabelecida pelos editores não foi seguida sistematicamente: pelo exame sumário de partes do texto nota-se que muitas inserções não foram assinaladas com colchetes, sendo talvez mais numerosas que as que o foram. Por outro lado, há palavras nas quais os colchetes não se justificam, pois constam do original. Uma revisão mais rigorosa teria sido necessária a fim de eliminar tais desajustes.

Por outro lado, em muitos casos são informadas, entre colchetes, as palavras alemãs originais. Embora não haja explicação dos editores e tradutores, supõe-se que isso ocorre sempre que a tradução adotada seja polêmica e/ou admita alternativas, sendo tal medida louvável como esclarecimento adicional.

Outra opção editorial que se deve lamentar é a de traduzir diretamente no texto os trechos originalmente escritos em inglês, francês e italiano, apenas indicando o idioma em sobrescrito. Fazem exceção, sem explicação, as passagens que se encontram em grego e latim. Também nesse caso seria desejável que a versão brasileira reproduzisse, tão fielmente quanto possível, o texto original que, nesse caso, fornece ao leitor uma melhor noção da versatilidade idiomática e da variedade de fontes em que se apoiou o autor. A versão brasileira poderia acompanhar as opções adotadas em outras edições por nós conhecidas, nas quais se mantiveram as passagens nos idiomas originais, e as traduções em notas de rodapé.

Aspetos terminológicos da tradução

No tocante à tradução é importante aqui destacar a opção do tradutor, de verter *Mehrwert* por mais-valor no lugar do tradicional mais-valia. Como é sabido, em diferentes traduções, realizadas a partir dos meados da década de 1970, vinha-se propondo mudanças na tradução desse termo. Reproduzimos a seguir algumas das soluções empregadas, a fim de contextualizar a opção do tradutor da presente edição.

11 No original: “*Aegyptische Mythologie konnte nie der Boden oder der Mutterschoß griechischer Kunst sein. Also jedenfalls eine Mythologie*” (Marx, 1976, p.45).

12 “*Ihr eigenes aufeinanderstossen produziert ihnen eine über ihnen stehende, fremde gesellschaftliche Macht; ihre Wechselwirkung als von ihnen unabhängigen Process und Gewalt*” (Marx, 1976, p.126).

Pedro Scaron, em sua tradução de *El capital* (Siglo XXI, 1975) para o espanhol, propôs a substituição de *plusvalía* (utilizada por Wenceslao Roces, FCE, 1946) por *plusvalor* (Scaron, 1978, p.XVIII-XIX). Entretanto, em traduções sucessivas a opção de Scaron não foi acompanhada por Manuel Sacristan (Grijalbo, 1976) e Vicente Romano García (Akal, 1976).

Por outro lado, a equipe de tradutores coordenada por Jean-Pierre Lefebvre propunha, nas edições francesas dos *Grundrisse* (Editions Sociales, 1980) e da nova tradução de *Le capital* (Editions Sociales, 1983) a substituição do tradicional *plus-value*, empregado na célebre tradução do Livro I de *Le capital* de Joseph Roy, revista por Karl Marx e desde então mantida, durante mais de um século, por diferentes tradutores, por *survaleur*.¹³ Essa mesma opção foi utilizada na recente tradução de Gérard Cornillet, Laurent Prost e Lucien Sève do *Le chapitre VI Le capital* (Editions Sociales, 2010) nos quadros do projeto *Grande édition Marx et Engels* (GEME). Os tradutores fornecem uma breve análise da polêmica francesa sobre a referida tradução, na qual registram as objeções de Gilbert Badia, também tradutor francês de Marx, à substituição de *plus-value* por *survaleur*, apoiado por Paul Boccara (Cornillet; Prost; Sève, 2010, p.265). Os autores do artigo reconhecem problemas em ambos os termos franceses, mas decidem adotar *survaleur* com base em uma citação isolada de Marx, em francês, no capítulo VI inédito, na qual utiliza um termo próximo, *survalue* (Cornillet; Prost; Sève, 2010, p.268; Marx, 1988, p.114), que os autores do artigo localizaram graças à circunstância casual de terem traduzido a obra. Mesmo assim, não explicam os motivos pelos quais não optaram pelo termo utilizado por Marx na citação – *survalue* –, e sim *survaleur*.

Recentemente a mesma inovação vocabular foi proposta em edições brasileiras de escritos de Marx: a substituição do termo mais-valia¹⁴ por mais-valor. Leonardo de Deus, em sua tradução de *Para a crítica da economia política*: manuscrito de 1861-1863, justifica tal opção para manter a “coerência e a força do texto marxiano” (Deus, 2010, p.17-18). Duayer opta pela mesma tradução, afirmando expressamente que o emprego do conceito de mais-valia seria injustificável e ilícita, e que “converteria uma categoria de simples compreensão em algo enigmático” (Deus, 2010, p.23).¹⁵ Segundo nosso parecer, semelhante opção coloca os marxistas – e não somente – frente ao dilema da elaboração e constituição de um vocabulário: a opção pela introdução de inovações no vocabulário ou a relação com a tradição consolidada, quando essa última não representa um sério obstáculo ou até mesmo um equívoco conceitual. Julgamos que, apesar da assertiva do tradutor, tal

13 Para a justificação do emprego dessa tradução ver Balibar e Lefebvre (1978).

14 Como sabemos as traduções de *O capital* de Reginaldo Sant’Anna (Civilização Brasileira, 1968), Regis Barbosa e Flávio R. Kothe (Abril Cultural, 1983), assim como a tradução portuguesa coordenada por José Barata Moura (Avante, 1990), optam por mais-valia.

15 É curiosa a justificativa de Duayer, de que “‘valia’ nada significa nesse contexto”, uma vez que, embora em relativo desuso, é reconhecida como sinônimo de valor, conforme se pode constatar consultando, por exemplo, os dicionários *Aurélio* e *Houaiss*.

não é o caso em questão. Interrogamo-nos sobre se essa opção terminológica se consolidará entre nós. Nesse sentido, acreditamos ponderadas as observações de Romano García (2007, p.12) no prefácio a sua tradução espanhola de *El capital*:

En cuanto a los términos mismos, nos hemos decidido por los que tienen ya carta de naturaleza en la terminología marxista en nuestra lengua. Así, creemos que la expresión “plusvalía” traduce con suficiente claridad el concepto expresado por Marx en término alemán “*Mehrwert*”, sin que haya necesidad de inventar otro nuevo, tal como “plusvalor”.¹⁶

Se, por um lado, pode-se fazer objeção à substituição de *mais-valia*, termo já consagrado pelo uso, por um termo também sujeito a objeções, como destacado acima, por outro talvez se deva lamentar não ter ocorrido ao tradutor avaliar melhor a tradução de outros termos, não consagrados na literatura marxista, cuja tradução poderia, por essa razão, ser aperfeiçoada sem afetar seriamente os debates nela presentes. Um deles é o termo *curso*, aplicado à circulação do dinheiro – *curso do dinheiro*. A utilização desse termo nas traduções brasileiras é curiosa, uma vez que se refere à *circulação* do dinheiro. O termo *circulação*, no caso do dinheiro, é consagrado e foi bastante utilizado pelo próprio Marx (*Circulation*, em alemão da sua época, atualmente com inicial Z), enquanto o termo *curso* é pouco utilizado nesse sentido no linguajar econômico brasileiro, e facilmente causa confusão entre leitores e debatedores marxistas, como podem testemunhar aqueles que dão aulas sobre essa parte da teoria de Marx.¹⁷ Embora presente em todas as traduções brasileiras, não se pode dizer que o termo *curso* esteja consagrado, porque, ao contrário do caso de *mais-valia*, que designa um conceito fundamental da teoria de Marx, a *circulação* do dinheiro, mesmo que importante, não designa um conceito fundamental, e faz parte de um tema pouco explorado pelos marxistas em geral, e mesmo pelos marxistas que se dedicam ao estudo do *O capital*.

Na primeira frase da seção dos *Grundrisse*, intitulada “O curso [*Umlauf*] do dinheiro” (na tradução da Siglo XXI, *circulación*; na francesa da Editions Sociales, *cours*; nas italianas de Enzo Grillo e Giorgio Backhaus, *circolazione*) o próprio Marx demonstra tratar-se, o termo alemão correspondente a *curso*, de sinônimo de *circulação*: “A circulação ou o curso do dinheiro” (Marx, 2011, p.133).¹⁸ Em

16 Do espanhol: “Sobre os próprios termos, decidimos pelos que já estão consolidados na terminologia marxista em nossa língua. Assim, cremos que a expressão ‘mais-valia’ traduz com suficiente clareza o conceito expressado por Marx no termo alemão *Mehrwert*, sem que haja necessidade de inventar outro termo, tal como ‘mais-valor’”. (N. E.)

17 Uma aplicação do termo *curso* em relação ao dinheiro, que ainda se pode encontrar na literatura econômica, principalmente no seu aspecto jurídico, é *curso legal* ou *curso forçado*; essa última expressão é também utilizada por Marx na análise da moeda – *Zwangskurs* – em que aparece a forma alemã de *curso* (*Kurs*).

18 “*Die Circulation oder der Umlauf des Geldes*”. Como Marx utiliza os dois termos, a tradução em português teve forçosamente de utilizar um sinônimo de *circulação*, o que deve ter motivado a utilização do termo *curso*.

O capital a utilização dos dois sinônimos é abandonada na abertura do tema, optando Marx apenas por *Umlauf*. Ao longo do texto, porém, Marx utiliza ora *Umlauf*, ora *Circulation*, mas nunca *Kurs*.

A propósito cabe mencionar que os mesmos termos – exceto *Kurs* – são utilizados por Marx em outras seções, com destaque para as que analisam a circulação do capital, tanto nos *Grundrisse* quanto no próprio Livro II de *O capital*. Nesse caso Marx utiliza ora diversos termos como sinônimos referindo-se ao mesmo fenômeno, ora um mesmo termo referindo-se a fenômenos diferentes, derivados do movimento circular ou da rotação do capital: *Kreislauf*, *Umlauf*, *Umschlag* e o próprio termo *Circulation*. Tal confusão dificultou, sem dúvida, a tarefa do tradutor. Como ilustração disso vê-se, por exemplo, que nas seções referentes ao movimento circulatório do capital o tradutor começa traduzindo *Umlauf* por *curso* do capital (por exemplo, Marx, 2011, p.424-425), mas passa a traduzir por *circulação* a partir do final da página 425; mas, na página 427, traduz por rotação, em que talvez fosse preferível manter o termo circulação. É óbvio que não caberia ao tradutor o esclarecimento dessa indecisão terminológica, que só é mencionada para, por um lado, justificar a preferência por um sinônimo mais conhecido como *circulação* ao invés de um desconhecido nessa aplicação, como *curso*, e, por outro, para lamentar que o tradutor tenha optado por estender o mesmo termo à tradução da circulação do capital, tema do qual está ausente, por exemplo, nas duas traduções brasileiras de *O capital* atualmente disponíveis.

Um comentário final indispensável diz respeito à evidente necessidade de uma rigorosa revisão final da obra. Mesmo em um exame parcial, certo número de erros mais ou menos importantes – de tradução ou de editoração – pôde ser identificado: desde pequenos problemas, como por exemplo a tradução de *Geld* por ouro ao invés de *dinheiro* (Marx, 2011, p.147), ou de *Kunst* por mitologia, ao invés de arte (p.63), até erros maiores, como na seguinte passagem:

A última {teria se reduzido a}: abolir os preços. {Ou seja – deveria ser Este:}, acabar com o valor de troca. Este problema [teria se reduzido a] {o que significa}: {acabar com} a troca, tal como corresponde à organização burguesa da sociedade. Este último problema {significaria}: revolucionar economicamente a sociedade burguesa. (Marx, 2011, p.85)¹⁹

Nessa passagem as chaves correspondem a inserções inexistentes no original e sem colchetes na tradução, e os colchetes simples às inserções, também inexistentes no original, mas com colchetes na tradução. A tradução literal dessa passagem seria: “A última: abolir os preços. Este: acabar com o valor de troca. Este problema:

¹⁹ Eis a passagem no original: “*Letztre: Preise aufzuheben. Dieses: den Tauschwerth abzuschaffen. Dieses problem: den Austausch, wie er der bürgerlichen Organisation der Gesellschaft entspricht. Diess letzte Problem: die bürgerliche Gesellschaft ökonomisch zu revolutionieren*” (Marx, 1976, p.70).

a troca, tal como corresponde à organização burguesa da sociedade. Este último problema: revolucionar economicamente a sociedade burguesa”.

As traduções das citações em línguas estrangeiras também apresentam incorreções, cuja extensão também poderia ser avaliada através de exame mais detalhado (e que só podem ser identificadas recorrendo ao original da *MEGA*). Não foi feita uma avaliação ampla dessas traduções, mas o trecho seguinte serve como exemplo: traduz-se “Floating capital is consumed, fixed capital merely used...” por “Capital fluante é capital fixo consumido, simplesmente usado...” (Marx, 1981, p.603), quando deveria ser “Capital circulante é consumido, capital fixo simplesmente usado...” (p.607).

Referências bibliográficas

- BALIBAR, E.; LEFEBVRE, J.-P. Plus-value ou survaleur?. *La Pensée*, Paris, n.187, p.32-42, février 1978.
- BIDET, J. *Que faire du Capital? Matériaux pour une refondation*. Paris: Klincksieck, 1985.
- BOLOGNA, S. Moneta e crisi: Marx corrispondente della *New York Daily Tribune*, 1856-1857. In: BOLOGNA, S. et al. *Crisi e organizzazione operaria*. Milano: Feltrinelli, 1974.
- CORNILLET, G.; PROST, L.; SÈVE, L. Annexe sur la traduction du mot “Mehrwert”. In: MARX, Karl. *Le Chapitre VI Manuscrits de 1863-1867: Le capital*, Livre I. Paris: Editions Sociales, 2010.
- DEUS, L. Apresentação. In: MARX, Karl. *Para a crítica da economia política: manuscrito de 1861-1863 (Cadernos I a V terceiro capítulo: o capital em geral)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.9-19.
- FINESCHI, R. *Un nuovo Marx: Filologia e interpretazione dopo la nuova edizione storico-critica (MEGA 2)*. Roma: Carocci, 2008.
- HAUG, F. W. Sul processo di apprendimento di Marx: dai Grundrisse alla traduzione francese del Libro Primo del Capitale. In: MUSTO, Marcelo (org.). *Sulle tracce di un fantasma: l’opera di Karl Marx tra Filologia e Filosofia*. Roma: Manifestolibri, 2005.
- HECKER, R. A história desconhecida da primeira publicação dos *Grundrisse* sob o stalinismo. In: PAULA, J. A. *O ensaio geral: Marx e a crítica da economia política (1857-1858)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.51-59.
- KOSÍK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- KRAHL, H. J. *Costituzione e lotta di classe*. Milano: Jaca Book, 1973.
- KRÄTKE, M. Journalisme et science: l’importance des travaux journalistiques de Marx pour *La critique de l’Économie Politique*. *Actuel Marx*, Paris, n.42, 2007.
- MACCHIORO, A. La questione del soggettivismo e dell’ uso dei *Grundrisse* in Italia. In: *Il momento attuale saggi etico-politici*, Padova: Il Poligrafo, 1991. p.129-157.
- MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- _____. Ökonomische Manuskripte 1857-58. In: *MEGA*, Zweite Abteilung, Band 1. Text. Teil 1. Berlin: Dietz, 1976. [Grundrisse, 1ª parte]
- _____. Ökonomische Manuskripte 1857-58. In: *MEGA*, Zweite Abteilung, Band 1. Text. Teil 2. Berlin: Dietz, 1981. [Grundrisse, 2ª parte]

- _____. Sechstes Kapitel: Resultate des unmittelbaren Produktionsprocesses. [Sexto capítulo. Resultados do processo imediato de produção.] In: *MEGA*. Karl Marx, Ökonomische Manuskripte 1863-67. Zweite Abteilung, Band 4. Text. 1. Berlin: Dietz, 1988. p.24-130.
- _____; ENGELS, F. *Collected Works: Letters (January 1856 – December 1859)*, v.40. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/marx/works/cw/volume40/index.htm>>.
- MUSTO, M. Difusão e recepção dos *Grundrisse* no mundo: uma contribuição para a história do marxismo. *Crítica Marxista*, São Paulo, v.28, p.99-108, 2009.
- NEGRI, A. *Marx oltre Marx: quaderno di lavoro sui Grundrisse*. Milano: Feltrinelli, 1979.
- NICOLAUS, M. El Marx desconocido. In: MARX, Karl. *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política (Grundrisse) (1857-1858)*. v.I, 11.ed. Madrid: Siglo XXI, 1980.
- REICHEL, H. *La struttura logica del concetto di capitale in Marx*. Bari: De Donato, 1973.
- ROMANO GARCÍA, V. Nota preliminar del traductor. In: MARX, K., *El capital*. Madrid: Akal, 2007. p.7-13.
- ROSDOLSKY, R. *Gênese e estrutura do Capital de Marx*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- RUBEL, M. Les cahiers d'études de Marx. In: RUBEL, M. *Marx: critique du marxisme*. Paris: Payot, 1974.
- SCARON, P. Advertencia del traductor. In: MARX, K. *El capital*. 6.ed. Madrid: Siglo XXI, 1978. p.XVIII-XIX.
- TUCHSCHEERER, W. *Prima del "Capitale": la formazione del pensiero economico di Marx (1843-1858)*. Firenze: La Nuova Italia, 1980.
- VYGODSKIJ, V. S. *Introduzione ai "Grundrisse" di Marx*. Firenze: La Nuova Italia, 1974.

GERMER, Claus. Em torno da tradução brasileira dos Grundrisse. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.34, 2012, p.159-170.

Palavras-chave: Grundrisse; Marxismo; Tradução.